REVISTA O GLOBO

4.11.2012

Retrato de uma revolução

Acesso a celulares e câmeras digitais provoca uma mudança radical no registro de imagens e na afirmação da identidade das classes C, D e E. P30

PESCADOR. José Barbosa imprime fotos feitas com celular para provar suas histórias

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

POR **MAIÁ MENEZES** E **TATIANA FARAH**
RIO, PARATY, PONTA PORÃ (MS), DOURADOS (MS), SÃO PAULO, CARUARU (PE) E RIACHO DAS ALMAS (PE)
maia.menezes@oglobo.com.br
tatiana.farah@oglobo.com.br

BARATEAMENTO DE CELULARES E CÂMERAS PROMOVE UMA REVOLUÇÃO NA FORMA COMO AS CLASSES C, D E E REGISTRAM SEU DIA A DIA E PERMITE QUE MUITOS ATÉ ENTÃO SEM-RETRATO RECONTEM SUAS HISTÓRIAS ATRAVÉS DA IMAGEM

MÁRCIA FOLETTO

FOTOS DE CAMILA CLAUDIA GOMES

CAMILA CLAUDIA GOMES, 21.
Sem certidão de nascimento, Camila fotografa as duas filhas, Camille, de 2 anos, e Sofia, de 5 meses, também sem registro oficial (acima): o celular com câmera foi comprado depois que a mais velha nasceu; para guardar as fotos das meninas (à direita e à esquerda) feitas dentro da casa minúscula, na Gamboa, a mãe parcelou um notebook de segunda mão

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

Um passado sem rosto e sem rastro transformou a figura da mãe numa pálida lembrança. E levou consigo a imagem da menina Camila, ex-moradora de rua, sem deixar na adulta a certeza de como era quando criança. Com a morte da mãe no parto do oitavo irmão, há nove anos, depois de peregrinar com os sete irmãos pelas ruas de diversos bairros do Rio, ela ganhou uma casa. Foi morar com a tia, em Duque de Caxias. Cada irmão seguiu para viver com um parente.

A história da família Gomes, até a geração de Camila Claudia, hoje com 21 anos, é apenas oral. Não há um único registro fotográfico dessa vida nômade. Nem fotos, nem documentos. Camila não tem certidão de nascimento, o que impede o acesso aos direitos mais elementares. E não se lembra de ter visto fotos da mãe.

Uma aflição latente ficou de herança. Os nascimentos de Camille, de 2 anos, e Sofia, de 5 meses, trouxeram um novo desejo à vida da menina sem foto. Há pouco menos de dois anos, ela comprou um celular com câmera, exclusivamente para fotografar a primeira filha.

Camila tem a chance agora de deixar impressa sua passagem pelo mundo. Ela ilustra farta variedade de estatísticas que apontam para o consumo crescente de celulares e câmeras digitais no país, instrumentos também de inclusão. Nos últimos três anos, o item de consumo que mais cresceu no Brasil foi a câmera digital (de 20% para 35%), indicam dados da consultoria Kantar Worldpanel, divulgados em setembro. Um estudo da Fecomércio do ano passado mostra que, de 2003 a 2009, o gasto com celular já havia aumentado 63,6% em todas as classes sociais. Na E, chegou a 312%. Soma-se a estes um outro dado, e a equação se completa: cerca de 66% dos brasileiros usam o celular para tirar fotografias, segundo pesquisa do Instituto Data Popular colhida este ano.

A democratização do acesso se consolidou, confirma a assessora econômica da Fecomércio-SP, Kelly Carvalho. A oferta maior de crédito, a ascensão das classes C, D e E, e a popularização irreversível da internet são agentes dessa revolução nos costumes:

— Hoje é quase impossível imaginar alguém que não tenha acesso a isso.

A antropóloga Hilaine Yaccoub, uma das autoras do blog Consumoteca, que analisa hábitos de consumo das classes C, D e E, atesta que estamos diante de novos tempos, moldados pela democratização do acesso ao registro de imagens. Tempos em que as classes populares deixaram de ser apenas o objeto fotografado (e, mesmo assim, discretamente) e tornaram-se também agentes desse universo pictórico: são produtores, em escala crescente, de imagens de seu cotidiano.

— A história oral da vida das famílias passa a ter um registro. As fotografias são uma narrativa, uma forma de contar a própria vida. Sempre quem tirava as fotos era gente de fora desse grupo social mais popular. Agora são eles falando e retratando a si mesmos. Antes, o processo era mais caro e mais complexo. Agora, é uma possibilidade de registros de descobertas. Muitas dessas descobertas são relacionadas a consumo, sabores, viagens — ressalta Hilaine.

Esse registro cotidiano era impensável em outros tempos. Antes da fotografia, no século XIX, apenas os muito ricos conseguiam pagar pelo registro, em pintura, de seus retratos.

— O homem comum não tinha esse acesso. Quando a fotografia surgiu, foi a oportunidade de a burguesia emergente ter acesso a um tipo de imagem de si mesmo que até então só a aristocracia fazia — narra o pesquisador e fotógrafo Pedro Karp Vasquez.

Enquanto comprava o celular, a prestação, Camila Claudia buscava um jeito de se registrar formalmente. Chegou a procurar em quatro cartórios de Duque de Caxias, sem o menor indício do lugar onde nascera. Ela diz que sabe seu nome porque a tia assim contou. Mas não consegue provar sua existência em nenhuma instância oficial. Enfrentou seu maior drama quando Camille nasceu, numa maternidade em Caxias: foi impedida de sair do hospital, porque não tinha como registrar a filha. Conseguiu uma autorização provisória, mas teria que providenciar os documentos. Antes disso, deixou a cidade e mudou-se para um casebre de três cômodos, na Gamboa.

NOTEBOOK PARA GUARDAR FOTOS DAS FILHAS

A agonia se repetiu com o nascimento de Sofia. E ela se comprometeu novamente a providenciar os documentos. Antes disso, comprou, com a ajuda do marido, que ensaca farinha em um moinho, um notebook de segunda mão, cuja única função é guardar as fotos que faz das filhas. Camila agora espera o resultado de um processo aberto pela Defensoria Pública do Rio para conseguir o registro civil. E abrir caminho para o das filhas.

Camille e a irmã são fotografadas quase todos os dias em casa.

— Aqui é ela fazendo pose, ela adora ser fotografada. Ela vai poder mostrar para os filhos — exibe Camila, enquanto passa as fotos no celular. — Aqui é a Sofia, internada com bronquiolite — completa.

O registro fotográfico, para a psicóloga Maria Tereza Maldonado, ajuda na construção de uma identidade. É uma maneira de revisitar um museu pessoal.

— É uma prova concreta da existência. Muito da nossa memória vai para o arquivo do inconsciente, que pode ser revisitado nas fotografias. Isso tem um forte significado na construção da identidade. O acesso a esse registro fotográfico alcança pessoas que não tinham essa possibilidade. Abre-se assim um leque fantástico no campo emocional. Os momentos mais triviais são fotografados — analisa.

A aposentada Maria Eunice Franco da Conceição, de 53 anos, hoje registra detalhes prosaicos de sua vida com a euforia da criança que não teve chance de deixar uma única imagem sua para o futuro. Criada em Feira de Santana, cidade agreste a 107 quilômetros de Salvador, na Bahia, Eunice lembra poeticamente de uma infância sem glamour ou brinquedos. Tem uma memória fotográfica dos dissabores vividos naquele chão de terra batida, dos sonhos que tinha sobre um colchão de capim. A primeira foto de si mesma foi a da carteira de trabalho. Depois veio a que aparece grávida da filha, Taís Angélica, hoje com 23 anos. Maria Eunice já tinha 30. No ano passado, ela tornou-se uma das alunas do curso de Fotografia Social organizado pela UniSuam e pela Prefeitura do Rio no Complexo do Alemão, onde mora.

— Eu não me lembro de qualquer fotografia. Mas me lembro da imagem de um lugar vago, muita terra seca, vermelha, o sol tremia, eu de pezinhos no chão, magrinha, com uma lata d'água na cabeça — conta Maria Eunice, que, com os cinco irmãos, foi abandonada pela mãe dos oito aos 12 anos.

Do pai, não ficou imagem concreta alguma. Apenas uma vaga recordação:

— Ele era mau, coloquei isso na minha mente, aí eu não me lembro dele. Sei que era alto, sarará. Me recordo do vestido que usei no enterro dele, branco com bolinhas pretas. E esse vestido acabou se tornando o de todas as festas. Era o único que eu tinha.

A mãe, Aldair Franco da Conceição, de 73 anos, que tinha se mudado para o Rio, voltou a criar os filhos depois da morte do ex-marido, quando Maria Eunice tinha 12 anos. Dona Aldair é o foco predileto das fotos da filha. Elas organizam uma intensa agenda de passeios, tudo documentado em fotos. A tecnologia ainda assusta. Dona Aldair só vê as imagens em papel. Eunice também prefere o acervo à moda antiga.

MÁRCIA FOLETTO

ARQUIVO PESSOAL

MARIA EUNICE FRANCO, 53. A aposentada (ao lado) tem sua imagem grávida (acima), aos 30 anos, como um de seus primeiros registros fotográficos. Hoje, ela gosta de clicar o lazer da família (abaixo)

FOTOS DE MARIA EUNICE FRANCO

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

MÁRCIA FOLETTO

JOSÉ ROBERTO BARBOSA DE SOUZA

JOSÉ ROBERTO BARBOSA DE SOUZA, 41. A prova de que pescou uma pegereba de 15 quilos é como um troféu para José (ao lado e acima). Ele acabou de perder o acervo de 80 fotos de incursões que faz pela Baía de Paraty, no barco Santa Isabel: foram "afogadas" junto com seu celular perdido para o mar. "Agora decidi imprimir tudo", diz

Acervo à moda antiga não faz parte do dia a dia do pescador Luiz Carlos da Cruz, de 45 anos. Ele começou a fotografar há um ano, primeiro com uma câmera digital e depois com um celular. Este, aliás, tornou-se o principal aliado da categoria na busca por credibilidade. É que graças ao aparelho as histórias de pescador aos poucos deixam o status de lenda para se tornarem fatos comprovados. Não é fácil, ainda assim: uma visita à Baía de Paraty, e os relatos são idênticos. Difícil encontrar um pescador que não tenha perdido câmeras para o mar, com um acervo incalculável de registros. Luiz deixou seu celular cair no porão do barco. O visor apagou na hora, mas a preocupação dele foi tentar preservar o que considerava mais precioso — as fotos da família e as da última incursão de dez dias que fizera ao mar. Incluído o incrível registro de dois pinguins nadando com um cenário idílico ao fundo. Conseguiu.

— Eu chego da pescaria e vou mostrando para os amigos, para provar as coisas que conto. Da primeira vez, consegui mostrar que tinha pescado cem quilos de peixe em duas horas. Antigamente, ninguém acreditava quando eu dizia — comemora Luiz, filho de pescador: — Meu pai nunca fotografou nada, e sempre chegava contando que via sereia, que via leão do mar. Sereia até agora eu não fotografei não...

Das fotos do cartão de Luiz, apenas uma foi destruída: a da garoupa de 40 quilos que ele jura ter fisgado. Paraty vive o melhor período de abertura de pesca do ano. No retorno para casa, presenciado pelo GLOBO há duas semanas, as 200 embarcações traziam centenas de quilos de pescados. E pescadores afoitos para contar o feito.

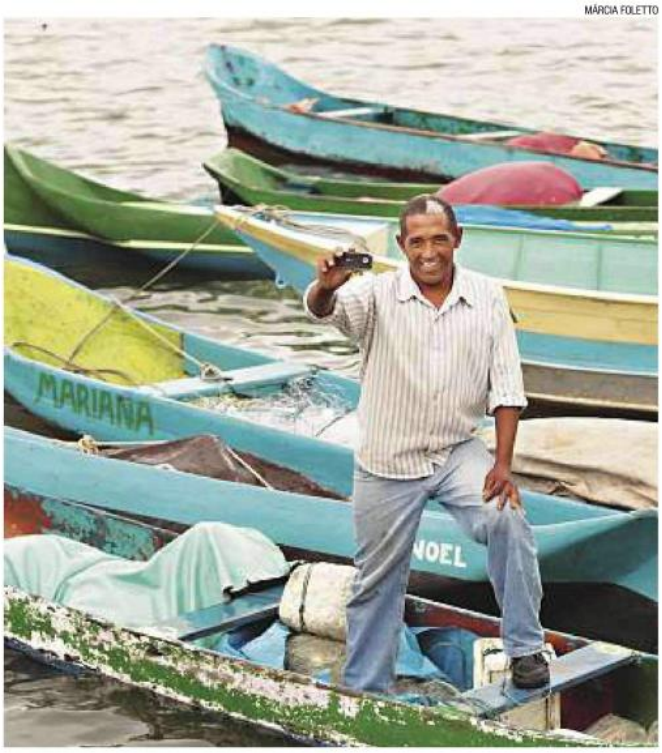
Com a única foto que tem, depois do "afogamento" de seu celular anterior, José Roberto Barbosa de Souza, de 41 anos, lamentava o acervo perdido. Mas exibia, com orgulho, a única prova concreta da pesca de uma pegeraba de 15 quilos, há dois meses. Foram para o fundo do mar 80 fotos. Pássaros e tartarugas marinhas nadando ao redor do barco estavam nelas:

— Agora decidi imprimir tudo. Há dez anos, cheguei a pescar um de 200 quilos, mas ninguém acreditou, porque não tinha foto. A gente tem que mostrar para o povo acreditar.

A produção ininterrupta de imagens, ora despejadas aos megabytes em redes sociais,

FOTOS DE LUIZ CARLOS DA CRUZ

MÁRCIA FOLETTO



LUIZ CARLOS DA CRUZ, 45.
Com um celular com câmera de baixa resolução, o também pescador Luiz Carlos (ao lado) produz belas imagens, como a dos camarões que ajudou a pescar e a dos pinguins que flagrou na Baía de Paraty (acima). Abaixo, um dos registros familiares que leva para o mar: a neta de 4 anos

ora estocadas de forma desordenada em computadores ou celulares, cria uma escala inédita de arquivos. O valor delas como documentos sobre o cotidiano da vida privada de classes que antes não se registravam depende, no entanto, de uma forma de se dar ordem a uma espécie de caos imagético:

— Em um mundo em que tudo é imagem, o importante é o filtro. A questão é que as pessoas não montam seus acervos. Antes, selecionavam-se as melhores fotos. Hoje, são centenas de cliques. Nunca se gerou tanto arquivo. É uma quantidade avassaladora. É preciso a mão do artista, do editor. A questão é: como isso está sendo armazenado? — analisa Patrícia Gouvêa, coordenadora do Ateliê da Imagem, um centro de ensino e reflexão sobre a imagem em tempos contemporâneos.

Professor de Maria Eunice no curso de Fotografia Social, o fotógrafo Altayr Derossi descobriu este ano uma única foto sua quando criança. E faz a comparação: seus filhos, de 11 e 8 anos, já têm um acervo de mais de dez mil fotos. Tudo organizado, desde o dia em que nasceram. Ele faz a reflexão comum a quem se preocupa com a história dos novos tempos: sem edição, tudo pode se tornar lixo digital.

— Antigamente, você colocava a melhor roupa que tinha para ir à igreja e, na saída, tinha um retratista. Hoje, qualquer um pode fotografar e ser fotografado. A questão é ensinar a documentar sua história, para que outras pessoas possam conhecê-la — diz Altayr, que tem um HD externo e, a cada dois meses, imprime fotos selecionadas.

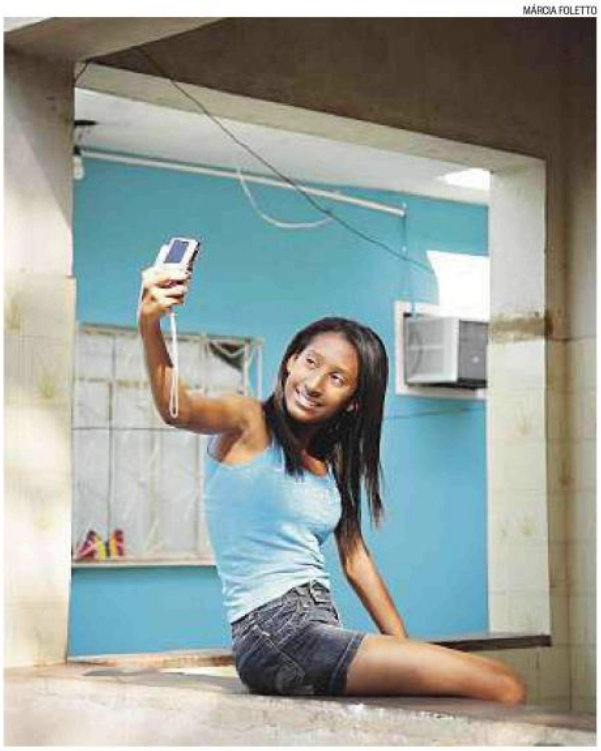
"HOJE, SÃO CENTENAS DE CLIQUES. NUNCA SE GEROU TANTO ARQUIVO. A QUESTÃO É: COMO ISSO ESTÁ SENDO ARMAZENADO?"

PATRÍCIA GOUVÊA
Coordenadora do Ateliê da Imagem

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

MÁRCIA FOLETTO



THAINÁ DIAS DA SILVA

THAINÁ DIAS DA SILVA

THAINÁ DIAS DA SILVA, 16.
A partir da foto maior, em sentido horário: a estudante faz pose para sua câmera, comprada há três meses; faz pose de novo, em frente ao espelho, com o celular; registro do cachorro Tandy ainda filhote, aos sete meses; e Thainá aos 3 anos

ÁLBUM DE FAMÍLIA

A profusão de imagens traz questões para os estudiosos. A principal: não se sabe o que restará delas no futuro.

— A fotografia sempre influenciou na História, agora trata-se de uma questão de escala. Hoje, cada cidadão é potencialmente um fotógrafo. Resta saber o quanto vamos guardar dessas imagens — afirma a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz.

A utilização eventual dessas imagens para um estudo mais acadêmico do tema é desafio ainda mais complexo. O material de consulta excessivo, pondera o historiador Carlo Ziller Camenietzki, professor-adjunto de História Moderna da UFRJ, pode comprometer o aproveitamento científico:

— O aumento vertiginoso dos registros instantâneos de acontecimentos recentes, como festas de família, viagens e encontros de amigos, pode criar um efeito adverso: a documentação excessiva esvazia o conteúdo do que se quer estudar. Pode até nos dizer algo sobre uma fúria de registro, ligada à sua própria desvalorização, mas certamente torna o material inteiramente impossível de ser elemento de análise.

Não há uma única foto na parede da casa de Thainá Dias da Silva, de 16 anos, no bairro de Miguel Couto, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Todas as imagens estão no computador, instalado em lugar nobre, em frente à TV. Há três meses, ela ganhou uma máquina fotográfica digital — o celular, já tinha há dois anos. Com eles, faz fotos de si mesma todos os dias.

— Eu me arrumo para me fotografar — diz Thainá, que encarna uma tendência evidente nas pesquisas: 45% dos internautas brasileiros já postaram ao menos uma foto nas redes sociais na semana em que foi feita a consulta pelo Data Popular.

Elizabeth Salustiano da Silva, de 41 anos, mãe de Thainá, justifica a falta de fotos expostas em casa:

— A gente se modernizou, né?

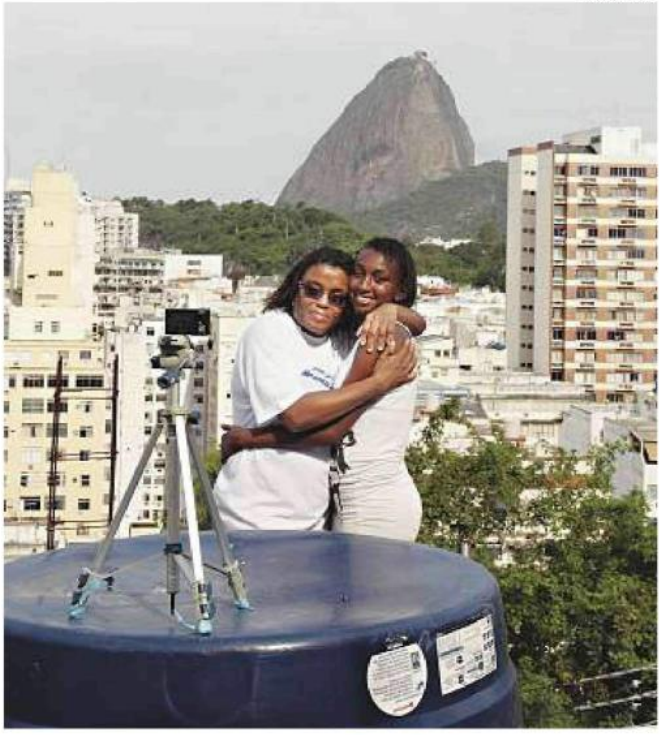
Elizabeth, que também é fotografada diariamente por Thainá, não conheceu os avós, baianos, nem por foto. E costumava acompanhar a filha a uma lan-house, até o ano passado, quando a família decidiu investir no computador próprio.

Dono de lan-house no bairro Califórnia, em Nova Iguaçu, Welington Lopes sente os efeitos da mudança de hábito:

FOTOS DE NANA FERREIRA

NANA FERREIRA, 47.
Apresentadora de um programa de rádio e diretora de harmonia da Portela, Tia Nana comprou até um tripé para registrar os ensaios de sua escola (acima), as pizzas do domingo (ao lado), as festas de aniversário (abaixo, à esquerda) e a vista de cartão-postal que tem no Morro Azul, no Flamengo, onde mora com a filha, Myrella

MÁRCIA FOLETTO



— Os mais jovens já baixam as fotos direto do celular. A lan-house virou um quebra-galho, para quando o computador, em casa, está com defeito. A gente tem que diversificar, senão vai acabar. Porque a lan-house está perdendo a função.

A casa de Nana Ferreira, de 47 anos, no alto do Morro Azul, no Flamengo, transforma-se, a cada final de semana, numa plataforma de produção de imagem. Tia Nana, como é conhecida, não sai sem sua máquina digital básica — de 14,1 megapixels, já surrada pelos dois anos de uso — na mão. Documenta, com o equipamento nada profissional, casamentos e festas de 15 anos na comunidade, a pedido de amigos. E registra eventos do mundo do samba, seu universo — ela é diretora de harmonia da Portela. Ela curte momentos de *paparazzi* ao desfilar no Sambódromo e se deparar com celebridades que costumam povoar os dias de festa na Sapucaí.

Sem uma única foto do pai, que morreu há 15 anos, ela quer deixar como legado para a filha, Myrella, mais do que imagens. Quer deixar o olhar. Tia Nana comprou um tripé, que usa para fazer retratos das duas. Com um celular recém-ganho do pai, Myrella registra seu cotidiano; e como os pares de sua geração, posta tudo no Facebook.

— Eu moro de frente para o Pão de Açúcar. Sempre adorei tirar fotos ali. Hoje, qualquer pessoa com um celular pode ter uma foto inédita de qualquer acontecimento. O que é preciso ter é um olhar diferente para o que todo mundo vê — diz Nana, que tem um programa comunitário de rádio sobre samba.

"O AUMENTO DOS REGISTROS DE ACONTECIMENTOS RECENTES PODE CRIAR UM EFEITO ADVERSO: A DOCUMENTAÇÃO EXCESSIVA ESVAZIA O CONTEÚDO DO QUE SE QUER ESTUDAR"

CARLO ZILLER CAMENIETZKI
Professor-adjunto de História Moderna da UFRJ

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

Tereza Martins, ou, em sua língua, xamã Kaiowá, teve um olhar diferente, desconfiado, quando se viu, pela primeira vez, na tela de uma câmera digital. Logo depois, abriu um sorriso e avaliou:

— Sou bonita.

Aos 78 anos, a xamã guarani nunca tinha tirado uma foto. Na penumbra de sua casa de rezas, na aldeia de Dourados, no Mato Grosso do Sul, quem faz o retrato é Rosy Benites, sua neta de 19 anos, a pedido da reportagem do GLOBO. A garota aprendeu a fotografar em uma oficina de imagem promovida pelo grupo Ação dos Jovens Indígenas (AJI), um movimento que tenta reforçar a identidade e a autoestima dos adolescentes guaranis. Juntou R$ 300 e comprou sua própria máquina em Ponta Porã, vizinha do Paraguai.

Ali, em Dourados, vivem mais de 11 mil índios, em uma reserva próxima à cidade. Rosy mora na aldeia. É estudante, não tem computador ou internet. Vai à cidade para "descarregar" as fotos em um e-mail, usando os serviços de uma lan-house. Vez ou outra, publica as imagens em sua página no Facebook.

— O que eu gosto mesmo é de fazer fotos de natureza, do que temos aqui. Ainda não tinha feito foto dela — diz a garota.

Dona Tereza fala guarani. A neta e Indianara Machado, da AJI, ajudam na tradução:

— A imagem cria uma fortaleza interior, engrandece as pessoas. Com as fotos, os índios estão se fortalecendo por dentro — fala a xamã, para quem essa fortaleza acaba por vencer o temor, reforçado nas cultura indígenas, de que uma foto possa capturar suas almas:

— Só de animal é que não pode fazer foto. Senão ele morre.

Com a máquina na mão, Rosy confirma a teoria da avó.

— Só faço foto de bicho se não gosto dele — diz, rindo.

A fotografia é algo novo naquela família. Rosy não tem fotos de nenhum de seus ancestrais. O que sabe é o que a avó conta. Os olhos de dona Tereza são claros, parecidos com os do bisavô de Rosy. E dona Tereza tem de fechá-los para poder lembrar dos pais, da vida de criança.

A anciã vai até sua casa e volta com uma roupa de cerimônia. Segura os paramentos de reza e diz que gostaria de ser lembrada pelos parentes com a indumentária usada quando canta nas festas da casa de rezas:

— Quero que a aldeia se lembre de mim assim.

A pouco mais de cem quilômetros de Dourados, um pequeno celular com máquina fotográfica faz a alegria da família do agricultor Eder Peixer, de 31 anos. Há três meses, quando os gêmeos Enderson e Endrio nasceram, ele comprou o aparelho e deu para a mulher, Valéria. Filhos de agricultores, Eder e Valéria não guardam fotos de suas infâncias. Agora, querem contar as histórias dos filhos através de imagens. A família tem uma vida simples no assentamento Itamarati, em Ponta Porã. O celular acaba se tornando não só uma máquina, mas também um álbum fotográfico.

— Na escolha do aparelho, os clientes têm dado valor às características da imagem. Há questionamento não apenas da resolução da câmera, mas sobre sensibilidade de luz, sobre softwares para editar as imagens. Existe um fenômeno de transformação — avalia o diretor de desenvolvimento de terminais da operadora Vivo, Hilton Mendes.

— Atualmente, 73% dos usuários de smartphone não saem de casa sem ele. Esquecem-se da carteira, mas não do celular. Estamos diante de um mar de oportunidades de inclusão — sustenta o diretor de marketing da TIM, Thompson Gomes.

A irreversível busca por um lugar no pulsante mundo digital, indicam os executivos do setor, é a mola mais potente para a demanda por boas câmeras. E os preços impulsionam ainda mais o mercado. É possível encontrar máquinas digitais novas por R$ 170, pagos em parcelas. E celulares desbloqueadas com câmera por cerca de R$ 130.

— Há uma carência de inserção no mundo digital. E ao falar de redes sociais, estamos falando de fotos. Há um mercado faminto para entrar nesse mundo — corrobora a diretora regional da Claro para o Rio e Espírito Santo, Gabriela Derenne, que prevê em seis meses a explosão na classe D do uso do aplicativo Instagram, que permite o uso de filtros em fotos.

A possibilidade de poder contar a história a partir de seu próprio ponto de vista é um dos méritos do uso em escala da fotografia digital, defende o antropólogo Edgar Teodoro da Cunha, da Unesp, autor do livro "Antropologia e imagem". Para ele, as pessoas sempre tentaram criar seus repertórios de fotos.

— Antes do celular e da fotografia digital, os mais pobres também utilizavam a fotografia. Existia uma figura muito comum que era o fotógrafo que batia de casa em casa fazendo a fotografia da família. Às vezes era o único registro que se fazia de uma criança. Era em escala menor. Hoje, essa fotografia em massa produzida pelas pessoas, comparativamente, está em diálogo com a história pessoal.

Para o antropólogo, a produção da imagem está na esfera do que cada um quer projetar, mais do que da história em si:

— A produção pessoal da fotografia diz um pouco do que são essas pessoas, não só no sentido da realidade, mas no da construção da imaginação, daquilo que elas gostariam de projetar.

A única foto que a doméstica Maria José da Silva, de 52 anos, teve, até 2010, era a do filho, Ronaldo, aos 3 anos. Sem-teto, hoje vivendo em uma ocupação no Centro de São Paulo, ela perdeu a foto e perdeu-se do filho, que hoje estaria com 26 anos:

— Não consigo mais me lembrar de como ele era.

Maria José da Silva comprou uma máquina digital a prestação. Depois, com a rescisão de um emprego, um notebook. Virou a fotógrafa do prédio de 21 andares, sem elevador.

A POPULARIZAÇÃO DAS CÂMERAS E DOS CELULARES

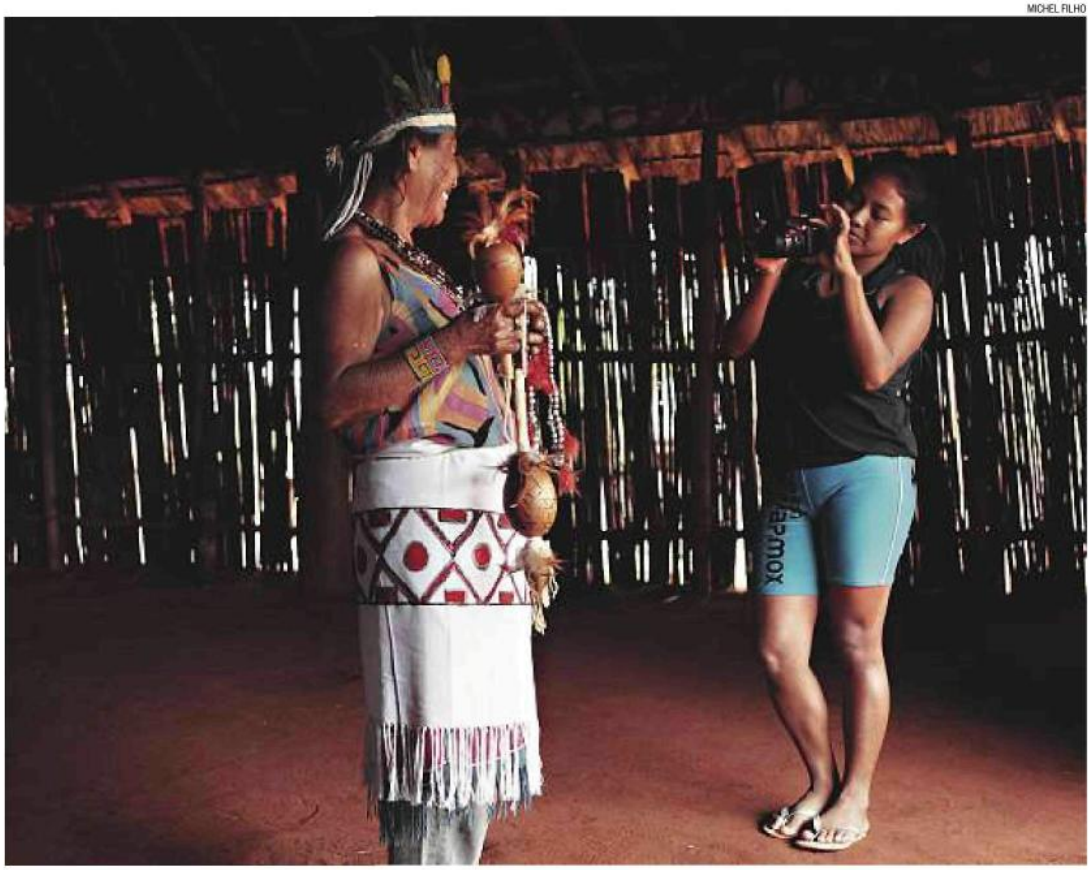
ATRAÇÃO POR CÂMERAS. Entre as dez funções mais importantes do celular, a "câmera fotográfica com boa resolução e zoom" foi a segunda considerada mais importante, segundo pesquisa encomendada pela Oi ao Plano CDE, especialista em pesquisar esse nicho, entre agosto e setembro deste ano.

CELULAR POP. Dados divulgados em fevereiro deste ano pela Fecomércio-SP indicam que o gasto médio com telefone celular aumentou 63,6% entre 2003 e 2009 (de R$ 17,68 por mês para R$ 28,93). Na classe E, a base da pirâmide social do Brasil, esse valor subiu 312%.

AVANÇO DAS MÁQUINAS. De 2009 até este ano, cresceu 15 pontos percentuais o consumo de máquinas digitais no país (de 20% para 35%), indicam dados da consultoria Kantar Worldpanel divulgados em setembro.

CONCEITO DE CLASSE SOCIAL. Estão na classe E brasileiros que ganham menos de R$ 900. E na classe D quem recebe entre R$ 900 e R$ 1.400, segundo classificação da Fecomércio.

MICHEL FILHO



ROSY BENITES

ARQUIVO PESSOAL

ROSY BENITES, 19. Acima, a índia registra, a pedido do GLOBO, a imagem da avó, Tereza Martins, xamã guarani que, aos 78 anos, nunca teve uma foto; ao lado, registro de índios da tribo de Rosy e foto dela com uma amiga

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

Para a cabeleireira Maria Helena Francisco, de 40 anos, a fotografia é mais que o registro de sua vida privada. Ela usa a "ferramenta" para documentar seu ofício. Com o celular, clica o "antes e depois" das clientes de seu pequeno salão, numa rua chamada Cordialidade, no Jardim São Luiz, que já foi um dos mais violentos da periferia de São Paulo.

Com uma única foto da infância e algumas da adolescência, Maria Helena também costuma fotografar tudo o que a filha caçula, Vitória, faz. O álbum virtual do celular é marcado por imagens da menina de 8 anos com a boneca, com esmaltes coloridos, sempre dando risada.

— Ela quer ser artista quando crescer. Quando eu vejo, ela já pegou o celular e está fazendo vídeo com ele. Ela fala de um jeito que parece que tem um monte de gente com ela — conta Maria Helena, rindo.

Também moradora da periferia, só que de Cotia, na Grande São Paulo, Neuza Maria Vieira Coelho, de 57 anos, afirma que a história que mais gostou de contar, em fotos, foi a da formatura do filho, Mayk, matemático, hoje professor e pesquisador da Universidade Federal de Alfenas (MG). Agora, espera para contar a história da formatura da filha, Maykeline, e a do casamento de Mike.

A vida do casal baiano formado por dona Neuza e seu Zito (Zito José Coelho, 59 anos) é um retrato do Brasil: superação e luta para dar aos filhos um futuro diferente do que tiveram. A foto de infância dela foi feita quando estava com quatro anos. Um fotógrafo veio de outra cidade para fazer registros de toda a família e enviá-los ao pai de Neuza, louco de saudade depois de quatro anos sozinho, quebrando pedras em uma empresa em São Paulo.

— Meu pai sentiu saudade dos filhos. Mandou a mãe procurar alguém para fazer a foto. E foi essa dita foto. Ela está amarela, mas dá para reconhecer todos — conta Neuza.

Ela guarda a imagem de mais de 50 anos como uma relíquia. A do marido Zito, ainda bebê, com uma chupeta presa ao pescoço, é outro tesouro. Mas, nos últimos anos, o casal acumulou diversos álbuns: viagens, festas, encontros da família, muitos bebês, afilhados, sobrinhos e, claro, Mayk e Maykeline.

— Ganhei a máquina em um Natal. Hoje faço foto de tudo. Eu gosto de ver as fotos, de pegar — diz Neuza, que ainda passa as ima-

MARCOS ALVES

FOTOS DE MARIA HELENA FRANCISCO

ARQUIVO PESSOAL

MARIA HELENA FRANCISCO, 40. A cabeleireira, que tem uma única foto de sua infância (à esquerda), usa a câmera do celular para registrar imagens da filha, Vitória, de 8 anos (acima e abaixo, à direita), e dos trabalhos que faz nas clientes de seu salão na periferia de São Paulo (no alto, à direita)

gens na TV da sala, de 50 polegadas. — É a nossa riqueza.

A foto-relíquia de Neuza é o que precisa ser descoberto — e guardado — na profusão de imagens produzidas e divulgadas hoje por todos os grupos sociais. É a tal "foto de marinheiro", que marcou uma infância e uma história de vida, explica a historiadora Karen Worcman, fundadora do Museu da Pessoa, em São Paulo.

O museu tem mais de 15 mil histórias pessoais, com depoimentos, fotos e vídeos, que contam a história recente da vida privada no Brasil. Para ela, o que move as pessoas a registrarem suas vidas no museu, que completa 20 anos, é um desejo de preservação, de valorização de suas trajetórias.

— O registro fotográfico saiu da esfera do sagrado e caiu na esfera do bar. Mudou o significado da foto — compara ela.

A foto-relíquia tem um significado para cada pessoa. Segundo Karen, os grupos sociais sempre arranjaram mecanismos de preservação, de registro de suas histórias:

— Toda essa tecnologia é, agora, uma ferramenta de democratização e de banalização da imagem. Cabe recuperar, no meio dessa confusão toda, esse papel do sagrado, da "foto de marinheiro".

Para o diretor do Instituto Data Popular, Renato Meirelles, o mundo digital pode virar um grande aliado.

— Estamos diante de novos rituais. A geração mais antiga dialoga com uma tradição oral, romântica. Podemos imaginar, no futuro, a criação de árvores genealógicas virtuais.

"ESTAMOS DIANTE DE NOVOS RITUAIS. PODEMOS IMAGINAR, NO FUTURO, A CRIAÇÃO DE ÁRVORES GENEALÓGICAS VIRTUAIS"

RENATO MEIRELLES
Diretor do Instituto Data Popular

ELIÁRIA ANDRADE

NEUZA MARIA VIEIRA COELHO

NEUZA MARIA VIEIRA COELHO , 57, E ZITO JOSÉ COELHO, 59.
Dona Neuza e seu Zito, moradores de Cotia, na Grande São Paulo, posam com fotos-relíquias de suas infâncias (à esquerda e à direita); acima, registro da família. "Ganhei a máquina em um Natal. Hoje, faço foto de tudo. É a nossa riqueza", diz Neuza

ELIÁRIA ANDRADE

REPORTAGEM DE CAPA

MUITO ALÉM DE IMPRESSÕES DIGITAIS

Viúva de um dos ícones da cerâmica popular de Pernambuco, José Antônio da Silva, mais conhecido como Zé Caboclo, Celestina Rodrigues de Oliveira, de 84 anos, é da geração que ainda dialoga com a tradição oral. Mas quer mudar isso. E quer evitar que filhos e netos passem pela mesma situação que ela: não ter herdado qualquer registro do rosto da mãe, que faleceu quando a hoje ceramista tinha 5 anos. Ela guarda com carinho fotos do ex-marido, tido como o mais fiel discípulo de Mestre Vitalino, e não perde oportunidade de posar para fotos ao lado dos oito filhos, 18 netos e 12 bisnetos. Nem sempre é possível juntar todo mundo numa foto só, em Caruaru, onde moram. Foi um registro destes, aliás, que inspirou Marliete, filha de Celestina, a produzir uma peça em cerâmica que lhe valeu um prêmio na oitava edição da Feira Internacional dos Negócios do Artesanato (Fenearte), a maior da América Latina, que acontece todos os anos em Recife.

— Fiz a peça baseada em cenas de família. Passei dois meses trabalhando nela, inspirada no Agenor, um fotógrafo que passa aqui no Alto do Moura fazendo fotos de aniversário, de festas de casamento. Eu me senti tão bem fazendo a peça, revivendo aquelas cenas, e todo mundo da família queria se ver no barro — conta Marliete, uma das mais disputadas artesãs do Alto do Moura, e cujas peças são objetos de cobiça de colecionadores.

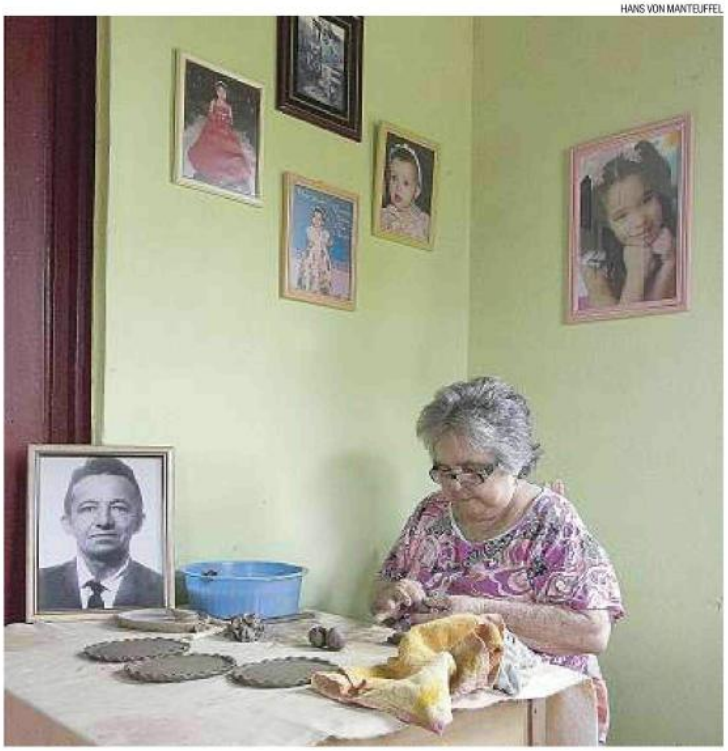
O Alto do Moura, que fica em Caruaru, é considerado pela Unesco o maior centro de produção de artes figurativas da América Latina. Famoso, e considerado um mestre, o irmão de Celestina, Manoel Eudócio, também não tem imagens da mãe. Ele tinha só 3 anos quando Maria Tereza do Espírito Santo morreu.

— Ele só tem foto do pai — reclama Marliete, que acaba de ganhar um presente da Fundação de Cultura de Caruaru, que restaurou, ampliou e deu à família 12 fotos do ceramista Zé Caboclo.

Morto em 1973, o artista popular deixou poucos registros fotográficos de sua vida e de seu trabalho. Um risco que Marliete não corre. Ela já está na segunda câmera digital — a primeira foi roubada em uma festa — e, com a ajuda do sobrinho Adriano Rodrigues, armazena tudo no computador.

Adriano já tem mais de mil registros da família e das peças de Marliete. Para ele, o ad-

HANS VON MANTEUFFEL



HANS VON MANTEUFFEL

ARQUIVO PESSOAL

CELESTINA RODRIGUES DE OLIVEIRA, 84. Viúva do ceramista pernambucano Zé Caboclo, Celestina, que não se lembra do rosto da mãe, morta em sua infância, e guarda com carinho as raras fotos do marido (ao lado), gosta de posar com os oito filhos, 18 netos e 12 bisnetos (acima). No alto, cerâmica inspirada numa foto da família

vento da câmera digital e do celular modificou o comportamento das famílias:

— Todo mundo faz foto. Mas o processo de transferência para computador, CD, pen-drive, isso sou eu quem faço na família. Se você não é um especialista em fotografia, tem sempre um celular para registrar tudo que ocorre ao seu redor — comemora Adriano.

Aos 79 anos, morador do sítio Bandeira, em Riacho das Almas, o agricultor Martins Miguel da Paz desconhece a fisionomia dos avós, tem apenas uma fotografia dos pais e só dois registros do próprio passado: um da época de solteiro e outro ao lado da mulher, Josefa Francisca da Paz, que faleceu aos 67 anos, em 2009. Desbotadas pelo tempo, as duas fotos (ambas com mais de quatro décadas) acabam de ser restauradas. Elas ganharam lugar de destaque em porta-retratos. Um luxo ao qual ele não teria direito não fosse a filha Eliene Josefa da Paz, de 43 anos, dona de uma pequena empresa de confecções na parte urbana da cidade, a 135 quilômetros de Recife. Eliene deixou o sítio com marido e filhos há oito anos e não perde a oportunidade de documentar os melhores momentos da família.

Recentemente, ela perdeu mais de cem imagens que estavam armazenadas no computador da família. O culpado foi um vírus. Entre as fotos que sumiram, havia registros em praias como Porto de Galinhas, São José da Coroa Grande e Gaibu, todas em Pernambuco. E também em Maragogi, Alagoas. Cenas que eles pretendem refazer em novas viagens documentadas com a câmera Sony de 10,1 megapixels usada agora pela família.

Seu Martins se lembra do ritual que envolvia a fotografia em seus tempos de juventude:

— Havia umas máquinas no tripé, no pátio da feira. Nós *ia* para a feira e tirava a foto no meio da rua. Eles botavam a mão debaixo de um pano preto, puxavam uma mangueira, botavam as fotos em uma bacia com água, mexiam bem e depois a gente se via no retrato — lembra seu Martins.

Amiga da família, a líder sindical Maria Lourdes da Silva, de 59 anos, lança dúvidas quanto à tecnologia do instantâneo:

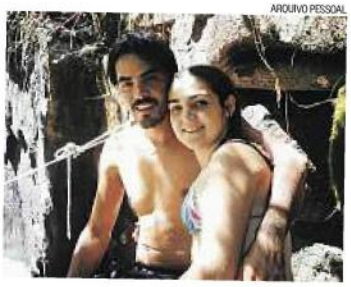
— Agora é tudo muito fácil, mas nada é duradouro. Penso que apesar de todas as facilidades, a gente corre o risco de esquecer o passado e apagar o futuro. •

Colaborou: Letícia Lins (Recife)

MARTINS MIGUEL DA PAZ, 79.
O lavrador de Riacho das Almas tem apenas duas fotos da juventude (ao lado), que acabam de ser restauradas. Imagens da família (abaixo) são feitas numa câmera de 10,1 megapixels e descarregadas no computador da filha de Martins, Eliene

ARQUIVO PESSOAL

ARQUIVO PESSOAL



HANS VON MANTEUFFEL